

HBB agoniza enquanto

Situação ainda é a mesma de há um mês e

DF - David

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, sábado, 30 de agosto de 1986 17

reformas são proteladas

apenas a emergência pediátrica foi transferida

Um mês e quatro dias depois de determinação do governador José Aparecido de desativar o Hospital de Base para realização de profundas reformas, permanece a situação de caos e agonia em suas instalações. Para agravar este quadro, a desativação do atendimento encontra-se indefinida. Apenas o Serviço de Emergência da Pediatria foi transferido para outras unidades da Fundação Hospitalar. "As paredes tremeram nas últimas chuvas", apavora-se uma funcionária da Neurocirurgia, instalada no 3º andar. O diretor do HBB, Márcio Horta, nega que as vidas dos pacientes e funcionários estejam correndo risco. "Se houvesse ameaça iminente já teríamos desativado o setor", garante.

O médico admite, entretanto, que até o momento não há previsão para a desativação do Pronto-Socorro, afetado por problemas nas instalações hidráulicas e elétricas que ameaçam provocar desabamento e incêndio. O presidente da comissão encarregada pelo governador de fazer este estudo, o médico João da Cruz, espera que em menos de três meses haja uma definição. Ambos, não têm porém, notícias sobre a liberação de verba para a reforma do HBB, da ordem de Cz\$ 205 milhões. Só para o Pronto-Socorro voltar a funcionar em melhores condições serão necessários Cz\$ 90 milhões.

O Hospital de Base atende atualmente a uma média diária de 500 pacientes, sem contar os 589 internados. Este número é 40 por cento inferior ao fluxo de um mês atrás. Logo após o anúncio da desativação, a redução chegou a 50 por cento. A população, segundo Horta, recebeu informações truncadas e chegou a pensar que o hospital, a partir de então, estaria fechado. Na verdade, não ocorrerá o fechamento do HBB, nem mesmo quando as reformas estiverem a pleno vapor. Horta explica que apenas o Pronto-Socorro será totalmente desativado.

OBRAS

Por enquanto, apenas o bloco de internações está em obras. O setor par do prédio já foi reformado, faltando agora o setor ímpar. A indefinição maior continua sendo o "calcanhar-de-Aquiles" do HBB: o Pronto-Socorro. Horta não demonstra,

porém, muita aflição. "A transferência dos pacientes para outros hospitais é complexa", conforma-se. Hoje, a comissão de desativação fará nova reunião com a participação dos diretores dos hospitais regionais. O diretor do HBB, confiante, acredita que "desta vez a coisa vai". Ele lembra também que o governador José Aparecido fixou prazo para a conclusão do estudo da comissão. Cruz também ressalta isto, afirmando que, em prazo indeterminado, entregará ao secretário Laércio Valença as conclusões do trabalho com as opções para a transferência dos pacientes do Hospital de Base.

Além do Pronto-Socorro, a situação da Neurologia, Neurocirurgia e da Unidade de Terapia Intensiva está péssima. São os mesmos problemas: risco de incêndio por estar sujeito, a qualquer momento, a um curto-circuito; ameaça de desabamento pelo acúmulo da água dos vazamentos e dificuldade em se manter a assepsia do local. "O quadro é o mesmo de um mês atrás", afirma o diretor do hospital. "Nada piorou", tranquiliza. As condições de 34 dias atrás não são, porém, nada tranquilizadoras. Em dois relatórios, o Departamento de Engenharia da Fundação mostra que várias instalações do HBB atingiram o ponto crítico.

PALIATIVOS

O problema do Pronto-Socorro, segundo o documento, advém da época de sua construção há 12 anos. A explicação é simples: o projeto original não foi respeitado. As soluções paliativas foram se avolumando até ao atual estado, admite Horta. Ele lembra que, até agora, problemas como goteiras sempre foram resolvidos desativando temporariamente o setor afetado para reforma local.

Horta não permite o acesso da imprensa aos setores onde estão internados os pacientes. "Foi uma decisão tirada em uma reunião (há um mês) entre o secretário de Saúde, Laércio Valença, e os diretores dos hospitais regionais", justifica. Ele conta que, com o interesse despertado com a situação dos hospitais da Fundação, criou-se uma situação embaraçosa para os seus diretores. "Alguns permitiram a entrada da imprensa, outros não", lembra.